



Bolsonaro é o racista-chefe da Ku Klux
Klan e do *lixo branco* brasileiro

Jessé Souza

Publié le 17-06-2019



Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International (CC BY-SA
4.0)

Résumé

Six mois après sa prise de fonction, le gouvernement Bolsonaro est confronté au dégoût d'un certain nombre de ses électeurs. Les preuves du complot pour écarter Lula de la vie politique viennent d'être publiées par *The Intercept*. Elles encouragent les opposants au gouvernement, mais obligent aussi les institutions discréditées à faire bloc pour ne pas tomber. Cela accroît provisoirement l'impunité dont bénéficie le pouvoir en l'absence d'un front parlementaire capable de porter un projet alternatif. Dans cet article, Jessé Souza souligne le fait que le succès électoral de Bolsonaro repose sur la frustration sociale d'une petite classe moyenne viscéralement raciste à proportion de ce qu'elle ne se distingue que par ses origines européennes des pauvres issus de l'esclavage. Les déclarations les plus excessives de Bolsonaro visent à fédérer cet électorat en répondant à cette demande de distinction par la stigmatisation des adversaires.

Abstract

Six months after taking office, the Bolsonaro government faces disgust from a number of its constituents. The evidence of the plot to remove Lula from politics has just been published by *The Intercept*. It encourages the opponents, but also force discredited institutions to stand together so they do not fall. This temporarily increases the impunity enjoyed by the government in the absence of a parliamentary front capable of carrying an alternative project. In this article, Jesse Souza underlines the fact that Bolsonaro's electoral success is based on the social frustration of a small, viscerally racist middle class in proportion to what is distinguished only by its European origins from the slavery poor. . The most excessive declarations of Bolsonaro aim to federate this electorate by answering this demand of distinction by the stigmatization of the adversaries.

Resumo

Seis meses depois de assumir o cargo, o governo de Bolsonaro enfrenta repugnância de vários de seus eleitores. A evidência da conspiração para remover Lula da política acaba de ser publicada pela *The Intercept*. Ela encoraja os oponentes do governo, mas também forçam as instituições desacreditadas a se unirem para que não caiam. Isso aumenta temporariamente a impunidade desfrutada pelo governo na ausência de uma frente parlamentar capaz de realizar um projeto

alternativo. Jesse Souza enfatiza que o sucesso eleitoral de Bolsonaro esta baseado em frustração social de uma classe media inferior visceralmente pequena racista em proporção ao que se distingue apenas por suas origens européias dos pobres da escravidão. As declarações mais excessivas de Bolsonaro visam federar este eleitorado, capital para a sua manutenção no poder, respondendo a esta exigência de distinção pela estigmatização dos adversários.

Mot-clés : Brésil, Bolsonaro, Racisme, classe moyenne, Jessé Souza, esclavage, domination, racisation

Palavras-chave: Brasil, Bolsonaro, Racismo, classe média, Jesse Souza, escravidão, dominação, racialização

Keywords: Brazil, Bolsonaro, Racism, middle class, Jesse Souza, slavery, domination, racialization

Table des matières

A continuidade da escravidão com outros meios	5
Do estigma racial à violência contra os pobres	7

Bolsonaro é o racista-chefe da Ku Klux Klan e do *lixo branco* brasileiro

Jessé Souza

A continuidade da escravidão com outros meios

Não se entende o Brasil sem compreender a função do racismo *racial* entre nós. Não existe preconceito mais importante entre nós já que ele tem o poder de definir e articular as relações entre todas as classes sociais no nosso país. É este preconceito que comanda a continuidade da escravidão com outros meios. Como esse mecanismo funciona na realidade cotidiana? Minha tese é a de que a escravidão, tanto no seu sentido econômico de exploração do trabalho alheio como no seu sentido moral e político de produção de distinções sociais, se manteve *na prática* inalterado desde a abolição da escravatura.

Fundamental para compreender este estado de coisas é a função que o ex-escravo abandonado e humilhado vai ter na sociedade pós-escravocrata. O ex-escravo é afastado do mercado de trabalho competitivo e passa a desempenhar as mesmas funções humilhantes e indignas que exercia antes. Seja tanto as funções de trabalho sujo, pesado e perigoso, para os homens, quanto as funções domésticas do antigo “escravo doméstico”, para as mulheres, as quais reproduzem todas as vicissitudes da antiga relação senhor/escravo. Faz parte do âmago desta relação não só a exploração do trabalho vendido a preço vil, mas também a humilhação cotidiana transformada em prazer sádico para o gozo cotidiano e para a sensação de superioridade e *distinção social* das classes média e alta.

Mas isso não é tudo nem sequer o principal. Os negros na base da pirâmide social brasileira sempre desempenharam uma função semelhante a casta dos

CONFÉRENCE DE
Jessé Souza
Sociologue (UFABC/SP), lauréat du programme
PAUSE/Paris1, auteur de *A Elite do atraso* (L'élite
du retard, 2017) et de *A classe média no espelho*
(La classe moyenne au miroir, 2018)

**LE BRÉSIL
DE BOLSONARO**
DIVISER POUR RÉGNER

PRÉSENTÉ PAR
Gérard Wormser
directeur de Sens public

Mardi 2 juillet 2019 17h30-19h45
à l'Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine
28 rue Saint Guillaume 75007 Paris
Amphithéâtre

arbre
INHEAL
INSTITUT DES HAUTES ÉTUDES DE L'AMÉRIQUE LATINE
Pléiade
UNIVERSITÉ PARIS 13
Sens public
Red.Br
réseau européen pour la démocratie au Brésil

FIGURE 16 – Affiche

intocáveis na Índia. Como nota Max Weber no seu estudo clássico sobre o Hinduísmo, os intocáveis possuem a função de legitimar toda a ordem social Hindu na medida em que todas as outras castas, mesmo as inferiores, são distinguidas positivamente em relação aos intocáveis.

Como a *distinção social*, ou seja, sensação de se saber *superior* a outros é tão importante na vida social quanto o dinheiro e a necessidade econômica, isso significa que uma classe social na qual todos podem pisar, humilhar, violar, agredir, e, no limite, assassinar sem temer consequências satisfaz, uma necessidade primitiva fundamental a todas as classes acima dela. É óbvio que uma sociedade deste tipo não é apenas desumana, desigual, primitiva e tosca, mas também, no limite, burra já que reproduzir exclusão social produz insegurança, pobreza e instabilidade social para todos. Mas este é o DNA da sociedade brasileira.

É importante notar que, paralelamente à condenação do negro à exclusão, o país passa a implementar a política abertamente racista da importação de imigrantes europeus brancos, na imensa maioria italianos, precisamente como no caso da família do excelentíssimo presidente Jair Bolsonaro. Uma parte considerável destes *neobrasileiros* ascende rapidamente, alguns inclusive à elite de proprietários e de novos industriais, mas boa parte irá constituir a classe média branca de grandes cidades como São Paulo. Nas outras grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro e Recife, os portugueses exerceriam o mesmo papel do italiano em São Paulo.

Do estigma racial à violência contra os pobres

O imigrante branco, na maioria o italiano ou o português, irá constituir no Brasil, ao mesmo tempo em aliança e a serviço da elite de proprietários, uma espécie de *bolsão racista e classista* contra os negros e pobres que constituem a maior parte do povo. Para a elite isso significa a oportunidade de criminalizar e estigmatizar a soberania popular no nascedouro com a cumplicidade das classes médias e garantir só para si o orçamento do Estado via juros escorchantes, *dívida pública*, sonegação de impostos e outros assaltos legalizados. Para as outras classes, o preconceito universal contra o negro e ex-escravo, permite a construção de uma frente comum para a manutenção de uma distinção social positiva contra os negros o que eterniza o abandono, a humilhação e o genocídio desta raça/classe como política pública informal.

Bolsonaro é o racista-chefe da Ku Klux Klan e do *lixo branco* brasileiro

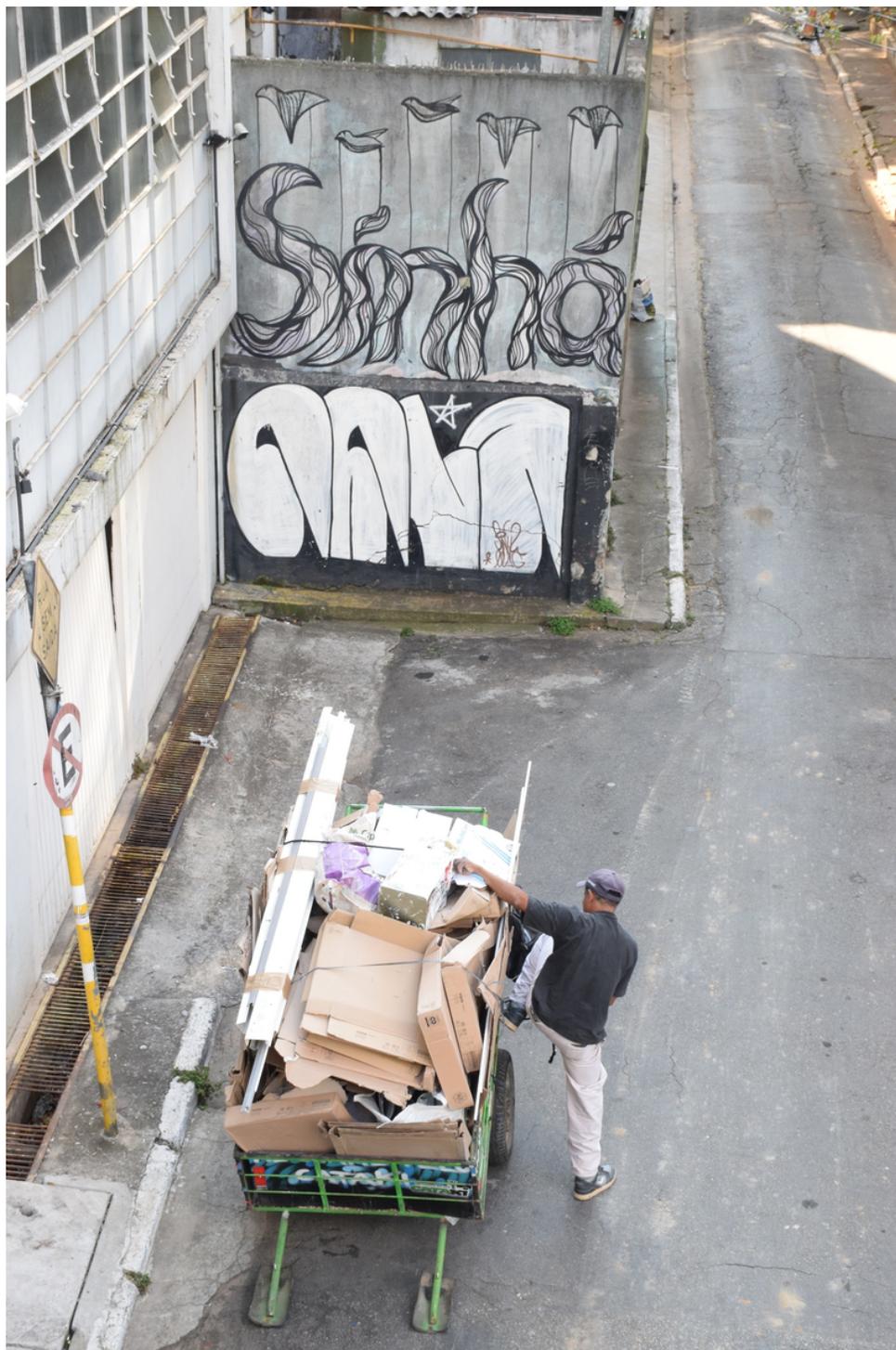


FIGURE 2 – Trapeiro em São Paulo (foto : GW)

Mais interessante ainda para nossos propósitos aqui é a função do racismo contra o negro para os imigrantes que não lograram sucesso econômico na nova terra. Muitos imigrantes não conseguiram ascender à classe média verdadeira nem à elite. Boa parte vai constituir uma zona cinza que inclui a classe trabalhadora precária e o que poderíamos chamar de *baixa classe média*. O cotidiano de muitos destes não difere muito da vida do negro e do pobre brasileiro. Moram eventualmente no mesmo bairro e passam privações materiais. É precisamente nesta faixa social que o preconceito de raça é ainda mais importante. Afinal, a única distinção que este pessoal tem na vida é a *brancura* da cor da pele para exibir contra o negro.

Entrevistando pessoas desta classe social no interior de São Paulo, descendentes de italianos, como Bolsonaro e no lugar onde ele também nasceu, para meu livro *A classe média no espelho* (2018, Sextante), notei um racismo que não tem nada de cordial. Bolsonaro é filho da baixa classe média de imigrantes para os quais a carreira no exército ou na polícia era a promessa de ascensão segura ainda que limitada. Neste contexto, não se casar com um negro ou com uma negra é a regra familiar mais importante e mais rígida. Aqui, o preconceito puro, o orgulho da cor da pele e da origem é a única distinção social positiva ao alcance. Se a elite e a classe média exploram economicamente – além de humilhar - os negros, aqui só se pode humilhar. Enfatizar uma distância social quase inexistente do ponto de vista econômico exige um racismo “racial” turbinado e levado às últimas consequências.

Este é também precisamente o caso do *lixo branco* Norte-americano que ajudou a eleger Trump, o objeto do desejo e de imitação de Bolsonaro. Os brancos do Sul dos EUA, inferiores social e economicamente ao branco do Norte, são, por conta disso, como uma espécie de *compensação* da riqueza inexistente, os racistas mais ferozes e ativistas de uma *Ku Klux Klan* que assassinava e linchava negros indiscriminadamente. Este é o caso de Bolsonaro e de seus seguidores no Brasil. E o que é a *milícia* carioca, com a qual Bolsonaro e seus filhos estão envolvidos até o pescoço, do que a *Ku Klux Klan* brasileira? Que existe para explorar e matar negros e pobres, os supostos *bandidos* das favelas?

Embora a elite e a classe média real e canalha também tenham votado nele, sua real base de apoio é o *lixo branco* brasileiro, próximo do negro e por conta disso ávido por criminaliza-lo, estigmatiza-lo como bandido e por assassiná-lo impunemente. A associação com a milícia, a tara pelas armas e o discurso

de ódio é para matar o preto e o pobre. O que está por trás de Bolsonaro é racismo *racial* mais cruel e expresso do modo mais aberto e canalha que jamais se viu. O ódio a universidade pública está também ligado ao fato da universidade, agora, ter sido *invadida* por negros e pobres. Essa gente não estaria lá para estudar. Só poderia ser para fazer balbúrdia. Urge cortar as verbas para isso.

A irracionalidade de Bolsonaro, sua loucura e sua idiotice são a expressão perfeita do ódio racial brasileiro. O ódio que não se explica racionalmente, nem apenas por motivos puramente econômicos. O ódio do racista que se vê como fracasso social é um ódio de morte. Ele não compreende as razões de sua posição social e só tem ressentimento sem direção na alma e no coração. Ódio em estado puro que Bolsonaro expressa e exprime como ninguém. Bolsonaro é o líder da Ku klux Klan e do *lixo branco* brasileiro. É isso que o define e o explica mais que qualquer outra coisa.



FIGURE 3 – Manifestação contra Bolsonaro em Porto Alegre, 14 de junho de 2019 (foto : Rodrigo Caprio)